

## Notas Bibliográficas

---

VISCHER, Lukas / LUZ, Ulrich / LINK, Christian: *Ökumene im Neuen Testament und heute*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009. 333 pp., 12,5 X 20 cm. ISBN 978-3-525-56355-7.

O livro é fruto do estudo feito em forma de seminário realizado na Suíça (Berna e Friburgo) no qual participaram 13 membros de diversas confissões cristãs (evangélica, veterocatólica e católica). Já tinha sido feita uma primeira publicação dos resultados daquele seminário aproximadamente quinze anos atrás. Desejando reeditá-la, o grupo de pesquisadores sentiu a necessidade de retrabalhar a obra e atualizá-la para poder reapresentá-la ao público. Essa nova edição revista é também uma homenagem ao Prof. L. Vischer, falecido em 2008.

O ponto de partida das reflexões sobre o desafio do diálogo e da mútua compreensão entre as Igrejas é o Novo Testamento. A tese fundamental do livro é a de que a unidade é uma tarefa constante da Igreja já desde os seus inícios.

O livro é composto em três partes. A primeira, de autoria de L. Vischer, apresenta o estudo do tema da unidade da Igreja. Inicialmente aborda-se a relação entre Escritura e Tradição, buscando-se uma compreensão da relação entre ambas de modo a superar as divergências que as várias confissões têm a esse respeito. Em seguida, Vischer trata especificamente da compreensão do conceito de “unidade” nos textos do Novo Testamento e hoje.

A segunda parte da obra, escrita por U. Luz, mas agregando contribuições de outros pesquisadores, estuda o esforço por manter a unidade no primeiro século da era cristã. Partindo de Jesus como origem da comunhão na Igreja, o cap. 4 aborda os primeiros conflitos já registrados no cânon neotestamentário: a questão da unidade entre a Igreja e Israel discutida no assim chamado “Concílio de Jerusalém” (At 15) bem como em alguns textos de Paulo. No cap. 5, é apresentada a compreensão de Paulo a respeito da comunhão na Igreja, a qual se baseia no batismo, na ceia, no dom do Espírito e na confissão de Cristo como Senhor. Tomado como exemplo, o texto de 1Cor é analisado na perspectiva do esforço pela conservação da unidade nas relações internas à comunidade cristã. Em seguida, estuda-se o período imediatamente posterior à morte dos apóstolos e os desafios então surgidos. Os primeiros esboços de eclesiologias presentes na Carta aos Efésios, na Epístola de Tiago, no Apocalipse, no díptico lucano e no evangelho de João são analisados. Concluindo essa segunda parte, estuda-

se o segundo grande conflito dos inícios do cristianismo, ou seja, as tensões entre a comunidade cristã e certo cristianismo de matriz gnóstica.

A terceira e última parte, composta por C. Link, oferece uma reflexão sistemático-teológica sobre os temas desenvolvidos na segunda parte, mas agora com vistas a tirar conclusões para a situação hodierna. Nesse sentido, Link apresenta brevemente o caminho já percorrido na busca pela unidade, tratando inicialmente da relação entre a Igreja e Israel e, em seguida, dos pontos candentes da questão da unidade: a compreensão do papel da Escritura, a confissão de fé, a ceia e o ministério. Em seguida aborda-se o aspecto da conciliariedade na busca pela comunhão. A terceira parte se conclui com um capítulo sobre a relação entre a unidade da Igreja e a missão.

A obra oferece ainda um índice dos temas trabalhados e outro das referências aos textos do Novo Testamento e dos Santos Padres.

*Claudio Paul SJ*

BÖTTRICH, Christfried / EGO, Beate / EISSLER, Friedmann: *Abraham in Judentum, Christentum und Islam*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009. 188 pp., 13 X 21 cm. Col. Judentum, Christentum, Islam. ISBN 978-3-525-63398-4.

A obra faz parte de uma coleção de livros de bolso que se propõe tratar temas comuns às três grandes tradições monoteístas, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Os AA. são C. Böttrich, doutor em teologia e professor de Novo Testamento na Universidade de Greifswald (Mecklenburg-Vorpommern), B. Ego, doutora em teologia e professora de Antigo Testamento na Universidade de Osnabrück e F. Eissler, doutor em filosofia e assessor científico na Evangelische Zentralstelle für Weltanschauungsfragen (EZW) em Berlin.

O livro dirige sua atenção ao personagem Abraão, apresentando o(s) significado(s) do personagem Abraão nos escritos sagrados e na tradição dessas religiões que se remetem a ele como o Pai da fé.

Na primeira parte, referente ao Judaísmo, Böttrich parte do conceito de “amigo de Deus”, atribuído a Abraão em Is 41,8, denotando uma especial relação de proximidade. Estudam-se então as tradições sobre Abraão presentes em vários textos do Antigo Testamento, mas também na literatura extrabíblica do Judaísmo antigo. Por fim, Böttrich resume sua pesquisa apresentando como Israel vê em Abraão uma figura da sua própria memória e como base para a sua existência.

Na segunda parte da obra, a Profa. Ego examina como o personagem Abraão é assumido na leitura cristã dos textos veterotestamentários, ou

seja, “antigas histórias em nova perspectiva”. Examina a presença e o significado de Abraão nos escritos do Novo Testamento bem como na tradição cristã. Conclui-se esta segunda parte da obra apresentando sugestões de aproximação entre todos os que têm a Abraão como figura referencial.

Já Eissler, na terceira parte do livro, introduz o leitor na tradição muçulmana. Apresenta a leitura que o Islamismo faz de Abraão, seu lugar no Alcorão, chamando a atenção para os pontos de divergência com relação aos relatos bíblicos. Apresenta ainda a presença de Abraão nas tradições posteriores à elaboração do Alcorão. Por fim, Eissler coloca a questão de um “ecumenismo abraâmico”, mostrando as dificuldades e possibilidades de tal proposta.

Ao final de cada uma das três partes, os AA. oferecem indicações bibliográficas das obras consultadas bem como para a continuação do estudo do tema.

Em linguagem acessível ao público mais amplo, a obra é uma excelente introdução ao tema, sendo uma contribuição valiosa para o diálogo entre as três tradições religiosas. Se, por um lado, assinala as diferenças nas interpretações dadas à figura de Abraão em cada uma delas, permite também perceber e aproximar o que há de comum entre elas.

*Claudio Paul SJ*

SCHENKER, Adrian / HUGO, Philippe (orgs.): *L'Enfance de la Bible Hébraïque: l'histoire du texte de l'Ancien Testament à la lumière des recherches récentes*. Genève: Labor et Fides, 2005. 318 pp., 22,5 X 15 cm. Col. Le Monde de la Bible, 52. ISBN 2-8309-1172-5.

A obra recolhe estudos apresentados nas várias sessões do terceiro seminário (2002) sobre o Antigo Testamento realizado nas universidades de línguas românicas da Suíça. No Brasil, temos, em tradução, o livro que resultou do primeiro seminário (1986), sobre o estado da pesquisa sobre o Pentateuco (DE PURY, Albert [org.], *O Pentateuco em questão* [Vozes, 1996]). O segundo seminário (1995) tratou da história deuteronômista. Os trabalhos foram publicados em 1996 (DE PURY, A. / RÖMER, T. / MACCHI, J.-T. [éds.], *Israël construit son histoire: l'historiographie deutéronômiste à la lumière des recherches récentes*. Genève: Labor et Fides, 1996).

Como o subtítulo da coletânea sugere, os artigos, cujos autores são de matriz cultural tanto cristã quanto judaica, versam principalmente sobre a história da formação do texto da Bíblia Hebraica. Entram em questão as

relações do texto veterotestamentário com as versões do Pentateuco Samaritano, da bíblia dos LXX, com a Peshitta. Estuda-se também o trabalho dos massoretas na preservação do texto hebraico, bem como o recurso ao testemunho dos pergaminhos descobertos em Qumran e ainda o papel do Targum na reconstituição de versões antigas dos textos veterotestamentários.

A obra apresenta também estudos sobre a história dos textos de alguns livros em particular, como Juízes, 1 e 2 Reis, Isaías, o livro dos Salmos. Oferece também a análise de algumas passagens que ilustram o estudo das variantes textuais (2Rs 10,18-28; Sir 48,10-12; algumas perícopes de Jeremias).

Os artigos são, em geral, bastante técnicos, com muitas citações em hebraico (e ainda em grego e siríaco). Isso demonstra que o público alvo é o leitor especializado na área bíblica, que, além do conhecimento das línguas bíblicas, possa mover-se também com certa facilidade na ciência da crítica textual.

Muito interessantes são os artigos que abrem a obra. Trata-se de duas apresentações do *status quaestionis* da pesquisa sobre a história do texto do Antigo Testamento. O primeiro, de A. Schenker e Ph. Hugo, apresenta informações atualizadas sobre vários projetos em andamento com o intuito de produzir edições críticas da Bíblia Hebraica (*Biblia Hebraica Stuttgartensia*, *Hebrew University Bible*, *Hebrew Old Testament Text Project [HOTTP]*, *Critique Textuel de l'Ancien Testament [CTAT]*, *Biblia Hebraica Quinta*). O segundo, de I. Himbaza, ocupa-se da consciência sobre os problemas textuais do Antigo Testamento, fazendo um percurso histórico sobre o tema. Inicia comentando a posição de Flávio Josefo a esse respeito e chega até a situação atual da questão. Esses dois artigos iniciais cumprem muito bem sua função de introdução aos demais trabalhos, que são de caráter mais especializado.

No final, há um índice dos autores citados e outro, seletivo, dos textos bíblicos ou de fontes judaicas e cristãs antigas, referidos nos vários artigos.

O caráter de especialização da pesquisa que o livro apresenta faz com que, certamente, não seja obra para o grande público. Contudo, as questões discutidas e o caráter atual das informações apresentadas fazem com que esse volume seja uma boa fonte de pesquisa para quem estiver às voltas com questões sobre o estabelecimento de um texto confiável para a análise exegética e a tradução do texto hebraico do Antigo Testamento.

*Claudio Paul SJ*

EBACH, Jürgen: *Josef und Josef: literarische und hermeneutische Reflexion zu Verbindungen zwischen Genesis 37-50 und Matthäus 1-2*. Stuttgart: Kohlhammer, 2009. 165 pp., 16 X 24 cm. Col. Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neun Testament, 187. ISBN 978-3-17-021036-3.

O A. é professor de exegese e teologia do Antigo Testamento e de hermenêutica bíblica na Evangelisch-Theologischen Fakultät da Universidade do Ruhr (Bochum). Segundo ele mesmo relata no prefácio, o estímulo para pensar o tema e escrever a obra surgiu de uma série de mal-entendidos quando, na busca por imagens sobre José do Egito no Google, encontrou-as mescladas com muitas imagens de José, esposo de Maria. A partir daí, o A. pôs-se a estudar as perícopes que tratam dos dois personagens, encontrando uma expressiva série de pontos de contato que o levaram a aprofundar ainda mais a pesquisa.

A obra está estruturada em 12 capítulos. Após a colocação do problema, no cap. 1, o A. trabalha, no cap. 2, três elementos paralelos entre os dois personagens chamados “José”: o próprio nome e o nome paterno; a idade; o título de “justo”.

No cap. 3, o A. estuda a árvore genealógica de ambos os “José” e a sua relação com Judá. Ainda no âmbito da genealogia, o cap. 4 trata das mulheres presentes na genealogia apresentada por Mateus (Tamar, a esposa de Urias, Raab, Rute).

O quinto e brevíssimo capítulo (5 páginas) é dedicado ao estudo do emprego da preposição grega *ek* em Mt 1,3.5.6.16.18.20, ou seja, dentro do quadro da genealogia de Jesus, mostrando o uso diferenciado daquela preposição quando se trata de personagens do Antigo Testamento e depois, quando se trata da geração de Jesus.

No cap. 6, o A. debruça-se sobre um dos temas mais importante nos relatos sobre ambos os personagens, ou seja, os sonhos e seu papel nas narrativas. De fato, esse tema é a ligação mais evidente e mais forte entre o José do Antigo e o do Novo Testamento.

O cap. 7 aborda mais um ponto comum entre os dois personagens: a permanência no Egito, terra que para ambos é chance de sobrevivência após situações muito difíceis e terra que oferece a ambos a oportunidade de providenciar o cuidado de suas famílias.

Outro ponto de contato é a personagem Raquel, apresentada no cap. 8. Ela é a mãe de José do Egito e é citada explicitamente em Mt 2,18, no contexto do relato do assassinato das crianças por ordem de Herodes.

O cap. 9 trata da adoração dos magos do Oriente. Nesse âmbito, três temas são estudados, buscando-se neles os pontos de contato: a peregrinação dos povos a Sião; a estrela e a adoração; o papel dos reis.

Outro tema que toca ambos os personagens é o da adoção. Ambos têm filhos, mas, em certo sentido, também não os têm. No caso de José do Egito, seus filhos são adotados por seu pai Jacó (Gn 48). No caso de José, esposo de Maria, Jesus não é verdadeiramente seu filho. O A. tece considerações interessantes a esse respeito.

A seguir, no cap. 11, Ebach demonstra como a expressão “nazareno” (Mt 2,23) também funciona como ponto de conexão entre os dois personagens. Em Mt 2,22s, José decide instalar-se em Nazaré, o que serve de pretexto para que ele (e depois, seu filho adotivo, Jesus) seja chamado de “nazareno” (Mt 2,23). Ora, em Gn 49,26, José é chamado de “consagrado”, em hebraico, *nazir*. A partir daí, o A. tira uma série de aproximações. Segue, por fim, o capítulo em que o A. apresenta suas conclusões.

A obra oferece ainda uma extensa bibliografia sobre os temas abordados, um índice das citações e referências aos textos bíblicos, extracanônicos e da literatura rabínica tratados ou referidos ao longo do trabalho, bem como um índice dos autores citados.

*Claudio Paul SJ*